

Apresentação

O ato de ensinar História, isto é, as questões que norteiam o ensino da História, tem sido uma inquietação constante entre os historiadores, desde Heródoto até os dias atuais. Eduard Carr (1982, p. 40), em obra hoje clássica, lembrou que “não há indicador mais significativo do caráter de uma sociedade do que o tipo de história que ela escreve ou deixa de escrever”. Poderíamos nos atrever a completar a sentença desse grande historiador dizendo que uma sociedade também se define pelo tipo de história que se ensina ou se deixa de ensinar, pois essa disciplina possui uma função ímpar para a formação dos cidadãos de um país.

A preocupação em relação ao ensino de História está presente nos artigos desse dossiê, que são fruto de ponderações, preocupações e teorias envoltas em anos de prática escolar. Seus autores buscaram relacionar o ensino de História com as mais diversas práticas pedagógicas, ambientes escolares e também os externos à escola, porém escolarizados pelas ações pedagógicas. Nesse sentido, não são fantasias teóricas produzidas em torres de marfim, mas reflexões oriundas de práticas pedagógicas, de incômodos provocados pelo contato com a realidade da sala de aula.

O artigo de Vanderlei Machado e Marla Barbosa Assumpção analisa experiências em um ambiente escolar muito específico, porém relativamente pouco refletido: a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse espaço, que nasceu para atender as necessidades de trabalhadores em busca de complementação de sua formação educacional, sofreu profundas alterações nos últimos anos e passou a ser um espaço mais voltado para jovens com altos índices de repetência na educação formal. Como trabalhar o ensino de História com esse público? Essa é a pergunta que fornece o pontapé inicial para as análises desses dois professores. A resposta é encontrada em um projeto desenvolvido pelo Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aonde ambos os professores lecionam, que relacionou patrimônio com direitos humanos.

O artigo de Emília Saraiva Nery e Simone Aparecida dos Passos, aponta um caminho lúdico para o ensino de História ao relacioná-lo com a música e o teatro, sem, contudo, perder a o foco sobre o papel social do ensino dessa disciplina. As autoras, professoras do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), seguindo o pensamento de José Pacheco, salientam que o ensino perdeu sua humanidade, com suas salas de aula expositivas e seus alunos silenciados. A procura por elementos pedagógicos relacionados ao ensino de História em Artes é uma saída defendida tanto por Pacheco quanto pelas autoras e representa uma proposta interdisciplinar inovadora, que vai muito além do mero diálogo entre as disciplinas para alcançar o campo da prática docente.

No artigo de Joaquim Tavares da Conceição, professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, a preocupação em utilizar a memória em espaços escolares como subsídio para o ensino de História dá a tônica. O artigo analisa a implantação Centro de Pesquisa Documentação e Memória (CPDM) em espaços escolares com a finalidade de reunir, preservar e divulgar a documentação e/ou o patrimônio material e imaterial a respeito da memória institucional. Dessa forma, a própria escola transforma-se em objeto para o ensino de História, potencializando a ação dos professores, uma vez que estes são atores relevantes no cenário escolar e, ao mesmo tempo, inserindo os estudantes como agentes da própria história.

Fábio Garcez de Carvalho e Alessandra Carvalho, professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trazem à tona a relação entre o ensino de História e a formação inicial dos professores dessa disciplina. Nesse artigo, o colégio de aplicação ganha uma dimensão de espaço privilegiado tanto para a formação inicial quanto para o ensino de História, nesse caso entendido em sua dimensão político-pedagógica, isto é, como disciplina essencial para a formação do cidadão. A relação entre ambos pode atuar no sentido de formar professores mais preocupados com o ensino de uma História viva, relacionada ao presente, e não morta, oculta no passado.

O artigo de Analice Cordeiro dos Santos Victor, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fruto de pesquisas empreendidas pela autora junto ao Núcleo de Educação da Infância do supracitado colégio, nos coloca questões relevantes para pensarmos o ensino de História na educação infantil, com crianças entre quatro e cinco anos. Num momento em que o ensino da disciplina História, apesar de ter sido oficialmente inserido no currículo escolar dos anos iniciais, ainda se encontra em fase de implantação, uma vez que em muitas escolas a História ainda é lecionada em conjunto com a Geografia, a autora nos coloca uma questão de suma relevância: é possível realizar um letramento em História? O artigo de Fernando Gaudereto Lamas (Colégio de Aplicação da UFJF) e de Simone Santos (Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo) aponta para novas possibilidades de trabalho com o ensino de História, fazendo uso do espaço urbano da cidade de Juiz de Fora e de imagens cinematográficas de um cinejornal da primeira metade do século XX dessa cidade mineira. A rua, a sala de aula e sala de cinema dialogam, abrindo novas perspectivas e novos entendimentos acerca das transformações sociais passadas pela cidade, assinalando que a renovação do ensino de História pode ser encontrada na escolarização do ambiente externo à própria escola.

O artigo de Edylane Eiterer propõe relacionar identidade, memória e patrimônio cultural no Museu Mariano Procópio, também na cidade mineira de Juiz de Fora, com o ensino de História. Segundo a autora, as questões relacionadas à memória e à identidade social podem ser relevantes para despertar e alavancar o ensino de História entre adolescentes, uma vez que aproxima a realidade dos mesmos aos temas escolares, até então tratados de forma distante e desprovida de significado para suas vidas. Nesse sentido, a autora apresenta-se atualizada com os debates que envolvem as questões de identidade, memória e ensino de História, tanto no campo da pesquisa histórica (teórica) quanto no campo da Educação, além de apresentar propostas singulares para o ensino de História.

O artigo de Vanessa Lana, professora do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e de Danilo Araújo Moreira trabalha com a Lei 10.639/2003 e com a formação de professores. Nesse sentido, os autores buscam no ensino superior, locus privilegiado para a formação de professores, os impactos da implementação de uma lei voltada para o combate à mentalidade racista e que, portanto, dialoga com as políticas de ações afirmativas. A análise baseou-se em uma pesquisa realizada junto aos docentes do Departamento de História da UFV. O artigo propõe importantes reflexões acerca do papel das universidades e dos cursos de licenciatura no debate sobre as relações étnico-raciais e a formação de professores.

O artigo de Fernando Gaudereto Lamas e Rosângela Veiga, professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), investiga os limites do ensino de História indígena através de pesquisa envolvendo discentes do quinto ano dos anos iniciais e do nono ano das séries finais do ensino fundamental. As conclusões do artigo fornecem subsídios importantes para a reflexão acerca de como e de por que ensinar a História

indígena nos dois segmentos do ensino fundamental, assim como também remetem a uma importante ponderação a respeito dos materiais didáticos utilizados, indicando que os mesmos precisam urgentemente ser revistos se desejarmos uma apreensão por parte dos alunos que minimamente forme um cidadão crítico.

A entrevista com o professor José Pacheco, realizada pela professora doutora Adriana Bruno, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), encerra o dossiê apontando para uma nova direção que, no caso da Escola da Ponte, vai muito além do ensino de História, mas que também aponta possibilidades de renovação na prática do ensino dessa disciplina. Pacheco aponta novas possibilidades para a escola do século XXI, e o ensino de História, uma disciplina tão associada às transformações cidadãs, não poderia ficar de fora de suas reflexões.

Por fim, este dossiê procurou ressaltar de maneiras variadas as atuais preocupações com o ensino de História, área que está em sua infância no Brasil, e que certamente ainda passará por muitas e profundas mudanças. Entretanto, a preocupação com o ensino de História atualmente encontra-se em uma encruzilhada, pois o presente nos coloca questões que são determinantes para nosso futuro e, como salientou Marc Bloch (2001, p. 75), a História não é uma ciência preocupada com o passado, pois “o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. Logo, preocupar-se com o ensino sobre esse conhecimento sobre o passado, em permanente construção, é essencial para a construção de uma sociedade mais justa.

Fernando Gaudereto Lamas*

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CARR, Eduard. *Que é história?* Tradução: Lúcia Maurício de Alverga. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.

* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Email: fernando.lamas@ufjf.edu.br